



***Erguer a voz, não passar  
a vez: mulheres negras  
periféricas e os desafios  
da vida acadêmica***

*Elânia Francisco Lima*



## resumo

O presente artigo é uma versão prévia de uma discussão que pretende ser mais profunda em breve. Nele proponho uma reflexão sobre os desafios enfrentados por mulheres negras periféricas no ambiente acadêmico que, cotidianamente, reproduz uma estrutura racista, machista e capitalista dificultando o acesso e permanência de mulheres negras, sobretudo as pobres, nas universidades, impondo barreiras subjetivas na construção da vida acadêmica. Essas opressões em intersecção podem fazer com que mulheres negras silenciem e, conseqüentemente, adoeçam ou se paralise diante das violências sofridas nos espaços de produção de conhecimento.

**Palavras-chave:** raça; classe; gênero; ambiente acadêmico.

## abstract

*This article is a previous version of a discussion soon to be explored. It proposes a reflection on the challenges faced by peripheral black women in the academic environment, which daily reproduces a racist, sexist and capitalist structure, making it difficult for black women, especially the poor ones, to access and remain in universities, imposing subjective barriers in the construction of academic life. These intersecting oppressions can make black women be silent and, consequently, become ill or paralyzed in face of the violence suffered in the knowledge production spaces.*

**Keywords:** race; class; gender; academic environment.

“Experimenta nascer preta  
e pobre na comunidade.  
Você vai ver como são  
diferentes as oportunidades”  
(Bia Ferreira, “Cota não é esmola”)

**E**m todos os espaços acadêmicos em que sou convidada, costumo dizer que a pessoa que me inseriu na vida acadêmica foi minha mãe, Maria Zilda Francisca. Uma mulher negra, não alfabetizada, que, aos 23 anos, saiu do meio rural da cidade capixaba de São João do Sobrado para construir possibilidades de vida com o marido e quatro filhos na região periférica do Grajaú, extremo sul da cidade de São Paulo.

Ouso mencionar minha mãe como referência acadêmica, pois foi ela – juntamente com outras mães das periferias da cidade de São Paulo – que montou acampamento e dormiu na calçada de uma escola estadual, durante três dias seguidos, com o objetivo de matricular seus filhos na rede pública de ensino regular e efetivar o direito à educação para suas crianças.

A luta de mulheres por creche, sobretudo as periféricas, que, majoritariamente, são negras, teve início no final dos anos 70 e ainda segue com dois objetivos: possibi-

litar que as mulheres tenham local seguro para deixar seus filhos quando forem trabalhar e a garantia do direito das crianças à educação.

Uma imagem que ilustra o início do período histórico de luta das mulheres é a capa da edição 4 da revista *Mulherio*, com a charge de Henfil em que se pode ver uma mulher com trouxa de roupas na cabeça dizendo à estátua do Cristo Redentor: “O senhor toma conta dele para mim enquanto vou trabalhar?”.

Foi no processo de luta por creches que muitas mulheres negras periféricas puderam refletir e protagonizar ações em busca de melhoria das condições de trabalho, segurança para seus filhos, como também a luta pelo direito à educação para todas as crianças.

Quando a luta por creches teve início, a cidade de São Paulo contava com apenas quatro creches. Eu nasci no ano de 1984,

---

**ELÂNIA FRANCISCO LIMA** é mestre em Educação Sexual pela Faculdade de Ciências e Letras da Unesp/Araraquara.

Reprodução



Capa da revista  
*Mulherio*, n. 4, 1981

no meio dessa luta, e foi nesse mesmo ano que, graças ao movimento de mulheres por creches, a cidade de São Paulo passou a ter uma rede de creches com cerca de 120 unidades (Teles, Santiago & Faria, 2018, p. 27).

Foi a partir das vitórias dessas mulheres que muitas crianças – inclusive eu – tiveram acesso à educação pública desde a fase inicial da vida. Considerando esse histórico, indago: como é possível desconsiderar que a inserção de muitas mulheres negras periféricas no ambiente acadêmico nos anos 2000 dependeu da luta de mulheres negras periféricas nos anos 1970 e 1980 por creches? Como é possível desconsiderar que essas mulheres eram nossas mães, tias, avós e vizinhas e que, antes delas, outras lutas foram travadas e vitórias alcançadas?

No meu ponto de vista, o percurso acadêmico de uma mulher negra deve ser considerado desde o ciclo básico do ensino infantil, desde a creche. Afinal é daí que germinam nossas primeiras relações com o ambiente de estudos e contato com outras realidades.

## COM QUANTAS MENINAS NEGRAS VOCÊ ESTUDOU NO ENSINO INFANTIL?

A intersecção de raça-classe-gênero se faz presente em todas as vivências, já que se trata de uma opressão estrutural, mas são as crianças negras que experimentam diretamente o sofrimento e as fragilidades causadas pelo racismo no ambiente escolar.

“As crianças negras passam por um processo de exclusão simbólica, ou seja, apesar de sua entrada na escola ser permitida, através da matrícula e do acesso à sala de aula, elas não se sentem aceitas por colegas e professores que, não raras vezes, demonstram preconceito por meio de insultos baseados em suas características fenotípicas” (França, 2017, p. 154).

Quando uma menina negra aprende que seu direito à educação e sua garantia de inserção no ambiente escolar são frutos da luta de suas ancestrais<sup>1</sup>, ela aprende a ter um olhar positivo sobre ser menina negra. Porém, quando essa mesma menina adentra o ambiente escolar e se depara com uma estrutura racista que a machuca e diminui, o resultado é um olhar negativo sobre si, fragilização de sua autoestima e impacto direto em seu desempenho escolar.

[...] desde o início da trajetória escolar, a criança se depara com um determinado tipo de ausência que a acompanhará até o curso superior (isto é, para aquelas que conseguirem romper com a estrutura racista da sociedade e chegar até a universidade): a quase total inexistência de professoras e professores negros. A criança negra se depara com uma cultura baseada em padrões brancos. Ela não se vê inserida no contexto dos livros, nos cartazes espalhados pela escola ou ainda na escolha dos temas e alunos para encenar números nas festinhas. Onde quer que seja, a referência da criança

---

1 Nomeio como ancestral toda mulher negra que antecedeu às mulheres negras da atualidade. Avós, bisavós, tataravós e todas as outras mulheres negras que existiram antes destas.

e da família feliz é branca. Os estereótipos com os quais ela teve contato no seu círculo de amizades e na vizinhança são mais acentuados na escola, e são muito mais cruéis” (Gomes, 2017, p. 76).

Diante da falta de representatividade no ambiente escolar e das violências racistas propagadas em comentários negativos sobre sua estética, meninas e meninos negros criam estratégias de sobrevivência, seja negando sua negritude (sendo a moreninha), seja assumindo o papel de quietinha ou de briguenta. Em alguns casos, evadindo-se da escola.

## **COM QUANTAS ADOLESCENTES NEGRAS VOCÊ ESTUDOU NO ENSINO MÉDIO?**

Quando nos deparamos com diálogos sobre adolescentes no ensino médio e a pressão para escolher um curso no ensino superior, de que adolescentes estamos falando?

Em muitas regiões periféricas da cidade de São Paulo, a conclusão do ensino médio é chamada de “terminar os estudos” e o acesso ao ensino superior é visto como algo muito distante, sobretudo quando se trata do ensino superior em uma universidade pública.

A Lei 12.711, conhecida como Lei das Cotas, que dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio, sancionada na gestão de Dilma Rousseff no ano de 2012, trouxe a possibilidade concreta de inserção de jovens negras e negros nas universidades públicas federais; contudo há outro trabalho a se fazer, que é

considerar que, devido a fragilidades geradas pelas violências estruturais racistas, classistas e machistas, muitos meninos e meninas negras vivenciam uma descrença na possibilidade de estudar numa universidade pública e de qualidade.

No trabalho que realizo como educadora de gênero e sexualidade, sempre pergunto às adolescentes quais são seus planos após concluir o ensino médio. As respostas que seguem estão ligadas à busca por trabalho que viabilizará o custeio da mensalidade da universidade particular, já que a universidade pública é para quem tem dinheiro.

Outro fator que surge é o quesito raça. O medo de sofrer racismo nas instituições de ensino superior público gera nas adolescentes a paralisação diante do desejo de seguir estudando.

Em minha dissertação de mestrado<sup>2</sup>, concluída em fevereiro de 2018, busquei observar quais foram os impactos do racismo nas vivências afetivo-sexuais de meninas negras moradoras de uma periferia da cidade de São Paulo e, embora o foco da pesquisa fossem as relações de afeto e sexualidade, todas as adolescentes trouxeram uma reflexão sobre como o racismo afetou não só seu desempenho escolar, como também a crença na própria capacidade como estudante e a possibilidade de cursar o ensino superior em instituição pública.

Para ilustrar tal informação, trago o relato de uma das adolescentes entrevistadas:

“Eu não sei como vai ser minha vida daqui pra frente, porque ainda tô acabando uma etapa, né? O ensino médio. E na minha

faculdade? Como será na Unesp? Como será na USP? Se eu passar, como será? Se eu pensar demais eu nem vou fazer a prova do Enem, mas eu tenho que fazer porque é meu sonho” (Carolina Maria, 17 anos)<sup>3</sup>.

Algo que Carolina Maria traz em seu relato e que chama a atenção é o esforço feito para não pensar nas possíveis situações de racismo no ambiente universitário. A adolescente enfatiza que pensar demais sobre isso pode fazê-la mudar os planos.

## **COM QUANTAS JOVENS NEGRAS VOCÊ ESTUDOU DURANTE A GRADUAÇÃO?**

Das experiências racistas no ensino infantil que seguiram atravessadas pelas vivências machistas na puberdade, ocorrida durante o ensino fundamental e médio, podemos questionar quais obstáculos foram vencidos por jovens negras até sua entrada no ensino superior? Quais ranhuras o racismo e o machismo geraram na autoestima intelectual dessas mulheres negras?

Se na creche a ausência de professoras negras gerava na criança uma não representatividade, no ensino superior a mulher negra vivencia a solidão ao não conseguir enxergar outras mulheres com vivências próximas às suas nas colegas de curso. Além disso, há uma estrutura racista-machista-classista também dentro da universidade, sobretudo a universidade pública.

As mulheres negras periféricas vivenciam dentro da universidade pública um choque

2 Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/153816>.

3 O nome é fictício, em respeito à identidade da adolescente entrevistada.

de realidade, uma vez que em sala de aula existem pessoas com poder aquisitivo maior que o delas e vivências tão distantes das suas que a solidão torna-se um lugar.

## **COM QUANTAS MULHERES NEGRAS VOCÊ ESTUDOU NO CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO?**

A professora norte-americana bell hooks<sup>4</sup> (1995) informa, em seu texto “Intelectuais negras”, algo que resume a proposta reflexiva trazida até aqui:

“Muitas vezes pensadores negros temem que nosso trabalho não seja levado a sério por um público maior, que ele seja julgado de certa maneira deficiente. Esses temores inibem a produção intelectual. Escrevendo ensaios que incluem reflexões confessionais senti-me, a princípio, insegura a respeito de se eles falariam a um público além de mim mesma e de meus amigos. Quando publiquei minha primeira coletânea de ensaios, *Talking back [Retrucando]*, surpreendi-me com as muitas cartas que recebi de negras discutindo o ensaio sobre as dificuldades que enfrentei como estudante universitária. Jorravam histórias de perseguição de professores, pares e colegas profissionais. A norma geral eram relatos sobre negras sendo interrogadas pelos que procuravam determinar se elas eram capazes de concluir o trabalho, pensar logicamente, escrever coerentemente. Essas formas de importunação muitas vezes solapam a capacidade

das negras de transmitir a certeza de talento e domínio intelectual. Depois havia as histórias – contadas através de cartas – de depressão e desespero que ameaçavam a própria vida. No todo essas cartas confirmam que a opção de seguir uma carreira acadêmica e/ou intelectual da maneira socialmente legítima continua a ser uma árdua tarefa para negras” (bell hooks, 1995).

Muitas mulheres negras brasileiras, sobretudo as de origem periférica, que chegam à pós-graduação (especialização, mestrado, doutorado, pós-doutorado) enfrentaram em seu percurso de estudos obstáculos racistas, machistas, classistas, entre outras opressões que foram inscrevendo em sua subjetividade e, em alguns momentos, em seus corpos, ranhuras que precisam ser consideradas.

## **QUANTAS PROFESSORAS UNIVERSITÁRIAS NEGRAS VOCÊ TEVE?**

Os cursos de graduação e pós-graduação, embora haja exceções, ainda mantêm uma estrutura curricular eurocentrada e pouco se debruça nos estudos sobre a grande produção científica no continente africano, por exemplo.

Compreendendo seu compromisso com as questões raciais, as mulheres negras periféricas acadêmicas buscam, em suas trajetórias como pesquisadoras, produzir conhecimentos, refletir sobre seu lugar de origem e tecer reflexões sobre possíveis destinos. No entanto, quando olham ao redor, pouco se veem, e percebem que, ao longo desse trajeto, muitas mulheres

---

4 Acreditando que suas reflexões são mais importantes que seu nome, bell hooks pede que sempre seja citada em letras minúsculas.

negras periféricas ficaram pelo caminho. Algumas por não gostar da carreira acadêmica, outras por necessidade de cuidar de urgências do cotidiano, muitas por não suportar a estrutura racista e machista nos ambientes de estudo.

Ainda há muita reflexão a ser feita sobre as condições das mulheres negras periféricas no ambiente acadêmico. Este artigo propõe uma reflexão embrionária, em processo de construção.

Vamos juntas?

## BIBLIOGRAFIA

- FRANÇA, D. X. "Discriminação de crianças negras na escola", in *Interacções*, vol. 13, n. 45. Sergipe, 2017, pp. 151-71. Disponível em: <https://revistas.rcaap.pt/interaccoes/article/view/9476>. Acesso em: 8/7/2019.
- HOOKS, B. "Intelectuais negras, 1995". Disponível em: <https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2014/10/16465-50747-1-PB.pdf>. Acesso em: 8/7/2019.
- LIMA, E. F. *Negritudes, adolescências e afetividades: experiências afetivo-sexuais de adolescentes negras de uma periferia da cidade de São Paulo*. Dissertação de mestrado. Araraquara, Unesp, 2018. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/153816>. Acesso em: 8/7/2019.
- TELES, M. A. A.; SANTIAGO, F.; FARIA, A. L. G. (orgs.). *Por que a creche é uma luta das mulheres?*. São Carlos, João & Pedro Editores, 2018.